

DAVID KORNFIELD

INTRODUÇÃO À
RESTAURAÇÃO DA ALMA

Capítulos 11 a 13



mundocristão
São Paulo

11 COMO FUNCIONA A RESTAURAÇÃO DA ALMA? A DINÂMICA DO MINISTÉRIO DE ORAÇÃO EM EQUIPE

Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, porque o Espírito intercede pelos santos, de acordo com a vontade de Deus [...] Cristo [...] também intercede por nós.

Romanos 8.26-27, 34



AUTOAVALIAÇÃO DE SUA HABILIDADE RELACIONADA AO MINISTÉRIO DE ORAÇÃO EM EQUIPE

Neste livro, identificamos *treze* dinâmicas espirituais relacionadas à restauração da alma. Neste capítulo, trataremos da primeira, que é o canal para muitas das outras: o ministério de oração em equipe.

Na autoavaliação abaixo, você deve identificar quanta experiência tem nos diferentes passos ou aspectos nesse tipo de ministério. É óbvio que esse ministério de oração é mais profundo do que uma simples oração. Esse ministério é estendido para alguém que não vê resposta à sua situação, a alguém que está preocupado ou perturbado e precisa de um encontro com Deus.

Responda segundo a frequência com que você tem feito estas atividades no último ano.

1. Antes de interceder por alguém necessitado, **consagro-me a Deus**, entregando-me, para que ele direcione o período de intercessão. Sinto claramente a presença dele ao meu redor.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

2. Antes de interceder, **ouço bem a necessidade da pessoa**, entendendo tanto os sentimentos dela como os fatos relacionados ao assunto.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

3. Antes de interceder, **faço boas perguntas** que ajudem a pessoa a se expressar, às vezes descobrindo aspectos do problema que ela nem havia pensado.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

4. **Ouçó a voz de Deus** ao adentrar num período de silêncio, assim permitindo que Deus fale em relação ao assunto abordado.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

5. **Intercedo com base no que Deus tem falado**, orando segundo a vontade dele.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

6. Oro com uma ou duas pessoas, sabendo que ouvir a voz de Deus é algo subjetivo e **discernindo se estamos ouvindo a mesma direção de Deus**.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

7. **Expresso o que entendo da direção ou caráter de Deus para a pessoa pela qual estou orando**, segundo o que Deus me indicar. Faço perguntas, explico alguma coisa ou faço algum pedido a ela.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

8. **Confirmo se houve um encontro divino**, perguntando para a pessoa pela qual orei se houve alguma mudança ou alguma forma pela qual Deus a ministrou.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

9. **Indico alguns passos práticos para a pessoa dar sequência a nosso tempo de oração e evitar ficar no mesmo problema ou cair nele de novo.**

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

10. **Acompanho a pessoa por uns dias ou semanas, verificando se ela continua na bênção ou direção recebidas na oração. Compartilho o que aconteceu com a pessoa que dá cobertura espiritual à pessoa pela qual orei.**

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

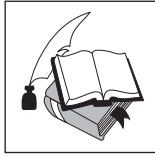
Volte à lista acima e dê um valor numérico a cada uma de suas respostas:

Nunca (0); Uma ou duas vezes (1); Algumas vezes (2); Frequentemente (3); e Regularmente (4). Coloque esses números numa margem e some-os.

Notas baixas têm duas vantagens: demonstram sua honestidade, pois você não está procurando parecer algo que não é; e demonstram uma sensibilidade à sua necessidade de crescimento. Nesse sentido, notas baixas podem ser melhores do que notas altas!

Se seu total for doze ou menos, você conhece pouco quanto ao ministério de oração em equipe e na verdade necessita se desenvolver na área da oração. Se seu total for de 13 a 26, você tem alguma experiência em ministrar para outros em oração, mas valeria a pena pensar em como melhorá-la. Se seu total for de 27 a 39, você tem força espiritual e está com uma base forte para ministrar restauração a outros. Uma nota alta indica que você provavelmente tem um chamado na área de restauração emocional e o está exercendo! Pessoas com notas mais baixas também podem ter um chamado nessa área. A nota baixa indica que existem impedimentos quanto a exercer esse chamado, dentre os quais destacamos: falta de orientação e treinamento e falta de restauração na sua própria vida.

Agora, passemos a um estudo explicando melhor esse ministério de oração em equipe.



PARA ESTUDAR

Começa a ficar claro que esse ministério de oração requer tempo. Para assuntos simples, pode haver equipes de oração prontas para ministrar ao final do culto, o que requer de dez a vinte minutos por pessoa. Para assuntos mais complicados, como cura de traumas significativos, pode haver necessidade de vários encontros no passar de semanas ou meses, cada um levando algumas horas.

A maioria não terá respondido que tem muita experiência nos itens acima porque esse tipo de ministração em equipe é relativamente raro e é mais desenvolvido por pessoas chamadas e treinadas no campo da intercessão e/ou restauração da alma. Examinemos esse ministério agora com mais detalhes.

Enquanto você lê, lembre-se de sublinhar pontos importantes e colocar anotações na margem. Especialmente, coloque a palavra “Eu?” com um ponto de interrogação onde você vê algo que possa estar relacionado a você.

Podemos aprender bastante através de um estudo das orações de grandes heróis da fé, como Moisés. Por exemplo: em suas grandes orações de intercessão, podemos ver o processo de 1) ouvir o povo; 2) ouvir a Deus; 3) falar a Deus; e 4) voltar a falar com o povo. **Moisés representava o povo diante de Deus e também Deus diante do povo.**

Observe os passos do ministério de Moisés em Êxodo 32 e 33, quanto ao problema que surgiu com o bezerro de ouro.

- 32.1-6 O povo peca, caindo num grande problema.
- 7-10 Moisés *ouve* Deus.
- 11-14 Moisés *fala* com Deus, intercedendo pelo povo.
- 15-24 Moisés *ouve* o povo, verificando o que entendeu de Deus.
- 25-30 Moisés *fala* ao povo o que Deus lhe estava falando.
- 31-32 Moisés *fala* a Deus, concordando com ele e intercedendo pelo povo, identificando-se com eles em seu pecado.
- 33-35 *Ouvindo* Deus.
- 33. 1-3 *Ouvindo* mais a Deus.
- 4-6 *Falando* ao povo o que *ouviu* de Deus. O povo responde em arrependimento.

Podemos, também, verificar passos bem parecidos na intercessão de Moisés pelo povo de Israel em Números 14, quando os israelitas não queriam entrar na terra prometida depois de ouvir os dez espias.

- 1-4 O povo reclama de Deus.
- 5-9 Moisés e Arão caem sobre seus rostos perante a congregação, e Josué e Calebe *intercedem* junto ao povo para aceitar a perspectiva de Deus (trabalho em equipe).
- 10 A congregação responde negativamente e quer apedrejar seus líderes (a equipe de ministério!).
- 11-12 Moisés *ouve* a voz de Deus, ameaçando acabar com o povo.
- 13-19 Moisés *intercede* junto a Deus para perdoar o povo.
- 20-25 Moisés *ouve* a perspectiva de Deus, que inclui o perdão dele e a necessidade de o povo arcar com as consequências de seu pecado.
- 26-38 Depois, Moisés e Arão (equipe) *ouvem* Deus repetindo e esclarecendo para o povo as consequências de seu pecado.
- 39 Moisés *fala* para o povo o que tem *ouvido* de Deus.
- 40 Moisés *ouve* a resposta errada do povo.
- 41-43 Moisés *fala* ao povo, corrigindo a perspectiva dele.
- 44-45 O povo desobedece a Moisés e sofre as consequências.

Nesse processo de intercessão, podemos extrair seis passos que têm dado bom fruto no ministério da oração. Geralmente, fazemos pelo menos alguns desses passos inconscientemente. Ao mesmo tempo, por não conhecer os passos, muitas vezes pulamos um ou outro e acabamos não ministrando bem. **Esses seis passos são:**

1. **Orações de consagração**, entrando na presença de Deus.
2. **Entrevistar**, ouvindo a pessoa sendo ministrada.
3. **Ouvir Deus**.
4. **A ministração propriamente dita**, entrando junto com a pessoa ferida na presença de Deus.
5. **Entrevistar novamente**, ouvindo a pessoa ministrada.
6. **Dar acompanhamento**.

Mais detalhes sobre a restauração, como a receber e como a ministrar, se encontram no curso para grupos pequenos na *Bíblia de Discipulado* a partir de Hebreus 12.7-17; veja também o Índice de Assuntos.

É importante ressaltar que esse tipo de oração focalizada **não** é um toque “mágico” que automaticamente soluciona todos os problemas da pessoa. Costumamos dizer que uma ministração é apenas 10% do que a pessoa precisa para ser restaurada. Muito dos outros 90% acontece através de uma experiência em grupos de apoio, onde a pessoa trabalha doze passos (veja meus livros *Aprofundando restauração da alma*). Nos grupos, a pessoa aprende e treina uma nova forma de se relacionar consigo mesma, com Deus e com outras pessoas. Isso leva tempo e requer compromisso para reverter padrões de vida disfuncionais.

Contudo, acontecem verdadeiros milagres de cura emocional, na ministração da graça de Deus que experimentamos nessas horas consagradas a isso. Vejamos cada passo um pouco mais detalhadamente.

1. ORAÇÕES DE CONSAGRAÇÃO

A equipe normalmente é composta de três pessoas, incluindo quando possível alguém que está sendo treinado. Além da equipe, a pessoa sendo ministrada pode convidar quem ela quiser para participar da ministração, como o seu grupo de apoio, o seu cônjuge (a não ser que a pessoa ou a equipe acharem melhor que não, por algum motivo), o seu discipulador ou líder espiritual, e outros amigos íntimos. O ideal é ter uma equipe de intercessores que estejam apoiando dessa forma durante a ministração.

A equipe deve reunir-se pelo menos meia hora antes da ministração, tendo já lido e orado a respeito do relatório de vida e o teste de traumas emocionais, para conferir juntos e estar unidos em espírito quando a pessoa chega para a ministração. É recomendável começar prontamente, pois os seis passos da ministração tomam uma média de duas a três horas, às vezes estendendo-se ainda mais.

Para começar, cada membro da equipe de ministração (2-3 pessoas) deve se entregar em oração a Deus, junto com a pessoa que receberá a ministração. Essa entrega inclui orações de exaltação a

Deus, entrando em sua presença; orações de dependência, pedindo a perspectiva dele e submetendo as nossas orações de proteção contra os ataques de Satanás e orações de agradecimento pelo que Deus tem feito na vida da pessoa que será ministrada. Esse último item é importante em parte para afirmar a pessoa, que pode se sentir insegura, e em parte para lembrar que estamos dentro de um processo que Deus vem desenvolvendo faz tempo.

Cada ministração é inédita. Não podemos arrumar um formulário rotineiro de como proceder. Se não entregarmos todo o nosso ser a Deus, facilmente nos encontramos orando pelo que nos aparenta ser o melhor. Deus tem propósitos para cumprir por meio dos problemas da pessoa. Não devemos pedir automaticamente pela solução antes de perguntar a Deus sobre seus propósitos!

Precisamos chegar ao ponto de poder ouvir a perspectiva de Deus, e não só orar segundo a nossa perspectiva. Oswald Chambers expressa o problema desta forma:

Tomemos cuidado para que, em nossa ânsia de fazer a vontade de Deus, não nos antecipemos a ele. Corremos à frente dele em mil e uma atividades e conseqüentemente ficamos tão sobrecarregados com pessoas e problemas, que não adoramos a Deus e não intercedemos. Se os pesos e pressões da vida desabarem sobre nós e não estivermos em atitude de adoração, isso produzirá não só dureza para com Deus, como desespero de alma. Deus está sempre promovendo o nosso encontro com quem não temos nenhuma afinidade e, a menos que o estejamos adorando, a nossa reação mais comum é tratá-las friamente, citar-lhes um versículo como se estivéssemos dando-lhes uma facada, ou “pregar-lhes um sermão” e nos retirarmos. O cristão insensível deve entristecer profundamente o coração do Senhor (*Tudo para ele*, p. 73-74).

Nessas orações iniciais de consagração nos identificamos principalmente com Deus, sem interceder pelos problemas da pessoa ferida. Nesse momento inicial, não nos interessa tanto os problemas da pessoa quanto dar uma parada e retomar nossa posição em Cristo. Precisamos lembrar que não importa quão terrível seja a situação, Deus está no trono. Ele está no controle. Ele não se esqueceu de nós nem está cochilando. Temos de lembrar que “*Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em*

Cristo Jesus” (Ef 2.6). Precisamos nos posicionar na presença real de nosso Pai, antes de interceder junto a ele.

Havendo entrado na presença de Deus, sentindo que ele está conosco, estamos prontos para o segundo passo: ouvir a pessoa ferida.

2. ENTREVISTAR, OUVINDO A PESSOA NECESSITADA

Quase todas as igrejas têm o costume de orar pelos necessitados. Aleluia! Precisamos fazer isso. Ao mesmo tempo, **a forma pela qual oramos por eles muitas vezes não muda nada, porque oramos sem saber quais são as necessidades das pessoas pelas quais estamos orando!** Em alguns casos, pede-se às pessoas que simplesmente levantem a mão se querem oração. Em outros casos, pede-se para virer à frente para receber a oração. Isso tem seu lugar. Mas se essas pessoas não tiverem a oportunidade de compartilhar seus problemas com alguém que ore baseado em informações concretas, não devemos nos surpreender se os seus problemas persistirem e as pessoas continuarem precisando de oração.

Antes da ministração, a pessoa escreve um relatório de traumas e feridas do passado e o entrega à equipe com vários dias de antecedência para que a equipe tenha tempo de ler e orar a respeito. Também pedimos que a pessoa preencha o **teste de traumas emocionais** (veja p. 249) e o entregue à equipe junto com o seu relatório escrito. Uma pessoa que por qualquer motivo não consegue escrever o seu relatório, pode contá-lo para que outra pessoa o escreva por ela. O trabalho de verbalizar a sua história em si tem muito valor terapêutico para a pessoa sendo ministrada. O relatório é útil também para a equipe no seu preparo para a ministração e poupa muito tempo no momento da entrevista.

Na entrevista, ouvimos a pessoa sendo ministrada, valorizando o que ela deseja comunicar. Às vezes, precisamos tirar certas dúvidas ou explicar alguma coisa para ela ou orientá-la quanto ao que acontecerá na ministração, especialmente na área de libertação, mas normalmente a pessoa que mais deve falar é a que está sendo ministrada. Se a equipe tiver dúvida quanto à salvação da pessoa, é apropriado fazer as perguntas diagnósticas:

1. Você já chegou a um ponto da sua vida espiritual em que poderia afirmar com certeza que, se morresse hoje, iria para o céu?
2. Suponhamos que você morresse hoje e comparecesse diante de Deus e ele lhe dissesse: “Por que devo permitir que você entre em meu céu?” O que você responderia?

Várias vezes temos tido a oportunidade de evangelizar alguém na hora da ministração. É importante que todos tenham clareza quanto a isso, pois só podemos ministrar com confiança para uma pessoa que sabe que é filho ou filha de Deus.

A equipe deve estar orando para que Deus lhe dê uma sensibilidade especial para ouvir mais do que as palavras da pessoa necessitada. Precisamos ouvir o *espírito* da pessoa. O que ela verdadeiramente deseja? Precisamos ouvir o *coração* da pessoa. O que ela sente? O que está em seu coração? E precisamos procurar entender a *raiz* do problema. Às vezes, a pessoa compartilha um problema que está enfrentando, mas não se pergunta por que esse problema surgiu. O que pode estar causando o problema? Outras vezes, a pessoa está em negação, não conseguindo reconhecer o problema real. E outras vezes reconhece seu problema, mas tem medo de se abrir e então compartilha sobre alguma outra coisa!

Uma vez que a equipe sente que tem suas dúvidas esclarecidas, passamos para o terceiro passo.

3. OUVIR DEUS

No terceiro passo, ouvir a Deus, entramos num período de alguns minutos de silêncio para que Deus se revele à pessoa ministrada da forma que ele sabe que mais a beneficiará. Ficamos atentos ao que Deus quer fazer ou comunicar. Frequentemente a pessoa sendo ministrada quebra o silêncio, expressando o que Deus coloca na sua mente, orando ou, muitas vezes, chorando. Pode surgir uma cena do passado que ele traz à sua mente. Pode ter um sentimento profundo que precisa de expressão — muitas vezes uma dor terrível que a pessoa tem carregado por anos ou décadas. Pode sentir uma convicção de pecado que a pessoa nunca confessou.

Se o silêncio se estender por muito tempo, um membro da equipe pode perguntar para a pessoa o que ela está vendo, pensando ou sentindo. Isso dá permissão e encorajamento para ela se expressar.

Algumas vezes a pessoa não diz nada, e a equipe precisa voltar a Deus para receber orientação sobre como proceder. Talvez o bloqueio venha por causa de medo. Às vezes há uma opressão do inimigo e é necessário tomar passos de libertação. Pode ser que a pessoa perceba um pecado na sua vida que precisa confessar para que a graça do Senhor possa fluir em sua vida.

É imprescindível durante a ministração que os membros da equipe estejam conectados com Deus. Se não ouvimos Deus, ficamos perdidos em nossas próprias palavras. Nossas palavras não adiantam muito, se não estão em concordância com o que Deus está falando (1Jo 5.14,15). Não começamos a ministração propriamente dita (passo 4) até sentirmos que Deus nos está dando sua direção de como orar.

Ficamos atentos para ouvir qualquer pensamento que Deus possa nos dar. Muitas vezes, ele nos dá alguns versículos. Outras vezes, nos faz pensar sobre uma pergunta-chave que devemos fazer à pessoa necessitada. Outras vezes nos dá uma visão ou um retrato que talvez não entendamos muito bem, mas que faz total sentido para a pessoa e abre a porta para a ministração.

João 5.19 é o versículo-chave quanto a ouvir de Deus: *“Jesus lhes deu esta resposta: ‘Eu lhes digo verdadeiramente que o filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz, o filho também faz.’”*

Se Jesus só fazia o que ele via o Pai fazer, quanto mais **nós** temos de depender do Pai! Ele falava o que o Pai revelava a ele (Jo 12.49-50).

Aqui, mostra-se a importância do trabalho em equipe. É difícil saber com certeza se Deus está falando alguma coisa para nós. Se estamos inseguros, podemos deixar outro membro da equipe abrir o período de ministração. Se ele ora segundo o que estava em nosso coração, podemos dar sequência à sua oração com mais confiança. Em meu livro *Desenvolvendo dons espirituais e equipes de ministério*, dedico o capítulo nove ao dom de profecia, indicando como a habilidade de ouvir Deus é parecida com esse dom; ambos podem ser desenvolvidos. Também indico normas para governar esse dom, para que não seja usado de forma destrutiva.

Como podemos crescer em nossa habilidade de ouvir a Deus? Anote uma ou duas respostas e depois, no encontro, acrescente o que outros indicarem. Essa habilidade é um músculo espiritual que precisamos exercitar. Para muitos de nós, esse músculo está atrofiado!

Se quiser aprofundar mais essa área de ouvir a voz de Deus, Richard Foster tem um excelente capítulo, no seu livro *Celebração da disciplina*, sobre a solitude (Cap. 7, p. 119-134). Nessa atitude, podemos entender melhor o chamado de Deus quando ele diz: “*Fiquem quietos! Saibam, de uma vez por todas, que eu sou Deus!*” (Sl 46.10a, BV).

Normalmente, há um fluir natural do terceiro passo, ouvindo Deus, para o quarto, a ministração propriamente dita.

4. A MINISTRAÇÃO: ENTRANDO COM A PESSOA FERIDA NA PRESENÇA DE DEUS

No quarto passo temos o imenso privilégio de entrar com a pessoa ministrada na presença de Deus. Cada ministração é uma experiência rica e única do amor de Deus por essa pessoa em particular. Deus sabe como comunicar o seu amor para a pessoa de forma que ela consegue entendê-lo. Sentindo-se segura no amor e a aceitação dele, a pessoa **libera a dor** que está carregando, entregando as suas feridas, medos, raiva, confusão, culpa, tudo – sabendo que Jesus já levou sobre si tudo isso na cruz. O papel da equipe é principalmente de dar apoio, de ouvir e ver Deus junto com a pessoa e ajudá-la quando Deus assim direciona. Mas é o próprio Deus, muitas das vezes na pessoa de Jesus, quem ministra para a pessoa.

Às vezes, por vários motivos, a pessoa sendo ministrada tem dificuldade em liberar a dor que sente. Os membros da equipe têm de perguntar para Deus se há algo que eles podem fazer para facilitar isso. Deus é fiel e mostra soluções criativas que a equipe pode adotar para ajudar a pessoa.

Muitas vezes Jesus entra no meio de um trauma que a pessoa sofreu no passado que é a chave para a cura de muitas outras lembranças penosas. Explicamos isso no capítulo seguinte (p. 31-32), quando falamos do ministério da presença real de Jesus.

Deixe-me ilustrar. Suponha que estejamos orando por uma moça chamada Sueli que sempre foi terrivelmente rejeitada por seu pai. A ministração, num certo momento, poderia se desenvolver de uma forma parecida com a que segue:

“Sueli, Deus Pai está querendo te dizer ‘Eu te amo’. Ele entende que você tem tido dificuldade em perceber isso. Ele entende o

estrago que a rejeição de seu pai causou em sua vida. Agora, vou pedir a Deus que ele te mostre como ele quer ministrar para você nessa área. O que vem à sua mente?”

A sala da casa onde eu e minha família morávamos quando eu era pequena...

Como é a sala? Quem está aí? Ah, você e seu pai. E quantos anos você tem mais ou menos?

Talvez 4 anos. E o que está acontecendo? Descreva para mim o que o seu pai faz. (Sueli começa a chorar e a tremer de medo, talvez grite. Alguém da equipe segura ela e fala suavemente que ela está bem, que não está sozinha, que ela não vai ser machucada de novo.) “Sueli, tem mais alguém na sala junto com você e o seu pai? Ah, Jesus está ali junto com você. Que bom! O que Jesus faz?” (Sueli explica que Jesus se coloca entre ela e o seu pai, que ia bater nela. Jesus ordena ao pai que ele se acalme e que saia da sala. O pai sai. E agora, o que Jesus está fazendo? (Sueli fala que Jesus está pegando ela no colo e está chorando junto com ela. Ela sente as lágrimas dele no rosto. Jesus sentou no chão e diz para ela que pode chorar, está tudo bem, ele vai cuidar dela. Ele limpa o seu nariz e fala suavemente para ela, segurando-a nos seus braços. Ele começa a cantar. “Você conhece a música?” (Não, nunca ouvi, mas é muito linda. Fique quieto, por favor, eu quero ouvir a música.)

A ministração continua com Sueli perguntando para Jesus por que o pai dela a trata com tanta violência. Jesus fala para ela que o seu pai é uma pessoa doente e carente, que não sabe como amar. O pai a trata assim não porque ela é uma menina má, mas porque ele tem problemas que vêm mesmo antes de a Sueli nascer. Ela não pode resolver os problemas dele — vai ter de deixar que Jesus cuide dele. Mas o importante agora é que ela entenda como Jesus a ama, como ele gosta dela, como ela é especial para ele. Ele sempre tem tempo e colo para ela. Ela pode voltar para o seu colo a qualquer momento que venha sentir medo, tristeza ou confusão...

Isso não é mera imaginação! Jesus se faz presente dentro da realidade da pessoa de uma forma tão vívida, tão especial, que ela sabe que teve um encontro real com ele. Muitas vezes todos os cinco sentidos estão envolvidos – a pessoa sente cheiros, descreve cores, ouve mú-

sicas, pula, brinca, dança, passeia, saboreia... Uma coisa interessante para observar é que a cena está sempre sendo compartilhada com a equipe, mas ao mesmo tempo a equipe tem acesso constante à pessoa no tempo “real”. A pessoa pode sentir sede, pedir água e bebê-la — no mundo atual — sem perder a cena em que está vivenciando a presença de Jesus.

Também precisamos esclarecer que isto NÃO é regressão. Regressão envolve hipnose e nós nunca nos envolvemos nisso. Na regressão sob hipnose a pessoa não tem controle sobre sua mente ou comportamento. Numa ministração como as nossas, ela sempre tem controle, podendo parar em qualquer momento que quiser ou discordar de qualquer direção que a equipe der.

Fica óbvio que esse ministério é bastante subjetivo. Temos duas proteções. A primeira é a equipe assegurar que tudo que sentimos que Deus está falando é de acordo com a Bíblia. Falamos mais sobre isso no capítulo seguinte (p. 32-33). A segunda proteção está no próprio fato de sermos equipe e podermos proteger e dar *feedback* um ao outro, tanto durante a ministração como depois. Deve haver prestação de contas para o líder do ministério após cada ministração, para que haja supervisão adequada.

Às vezes, a ministração do Espírito é tão profunda e revolucionária que num só encontro Deus revela princípios-chave que permitem contornar a situação da pessoa. Outras vezes, várias ministrações serão indicadas, com intervalo de semanas, meses ou anos, cada uma tratando de uma área ou relacionamento diferente. Normalmente, Deus faz uma obra profunda dentro de cada ministração, e dá para notar mudanças grandes na pessoa. Ainda que haja outras coisas para resolver no futuro, Deus sabe que não podemos aguentar tudo de uma só vez (Jo 16.12) e ele respeita as nossas limitações.

Havendo ministrado à pessoa, passamos para o quinto passo.

5. ENTREVISTAR NOVAMENTE, OUVINDO A PESSOA MINISTRADA

Nesse passo, perguntamos à pessoa sendo ministrada o que Deus fez em função das nossas orações. Normalmente, a pessoa terá sentido a presença de Deus de uma forma profunda e marcante, sarando suas feridas e elevando-a a um novo nível de relaciona-

mento com ele. Outras vezes, a direção de Deus é mais na área de libertação, deixando a restauração emocional para uma outra oportunidade. Tanto a pessoa como a equipe precisam saber se houve alguma ação espiritual. Se a pessoa não sentiu nada nem está olhando o problema sob uma nova perspectiva, provavelmente precisa de alguém com mais experiência e maturidade para ministrá-lo. Nesse caso devemos procurar tal pessoa ou equipe com urgência porque a pessoa ministrada normalmente se sentirá terrivelmente deprimida vendo que nem essa ministração ajudou. Uma das vantagens de fazer o treinamento do Rever na área de restauração da alma é que este providencia uma rede de ministros que podem nos socorrer.

Lembro-me de uma jovem universitária, que vou chamar de Karen, que me procurou ao final de um culto no qual preguei. Disse-me que estava desesperada, sentindo uma forte depressão e até sentimentos de suicídio. Cinco de seus colegas de faculdade haviam feito uma vigília com ela especificamente para quebrar os ataques de Satanás. Não houve nenhuma melhora. Outros esforços de aconselhamento e de ministração não haviam ajudado. Eu chamei o pastor da igreja, que conhecia bem como ministrar em oração, e pedi que Karen chamasse seus colegas envolvidos. Entramos no processo indicado aqui: 1) Orações de consagração; 2) Ouvindo-a até sentir que estávamos prontos para ministrar; 3) Ficando em silêncio, ouvindo Deus; e 4) Ministrando com base no que ouvimos.

Havendo ministrado orações de libertação e o amor e a aceitação de Deus, terminamos de orar. Perguntei-lhe se alguma coisa havia acontecido por meio de nossas orações. Karen falou que não. Lágrimas enchem seus olhos, e ela sentia-se aflita, pois nem as orações do missionário e do pastor haviam tido efeito sobre ela. A sua depressão, num certo sentido, era mais profunda do que quando começamos a ministrar!

Nesse momento, o pastor notou um broche esquisito que Karen tinha em seu colar. Perguntou-lhe como o ganhara. Ela falou que o encontrou na rua um dia, gostou e começou a usar. O pastor pediu-lhe para tirar o objeto. Ela obedeceu e voltamos a orar. Nossa oração agora foi simples e não demorou. Mas terminada a oração, ficou claro que Karen era outra pessoa. Um “junta-panels” estava programado para depois do culto: com todos compartilhando a refeição

juntos. Foi incrível ver Karen, como uma borboleta, voando de mesa em mesa, rindo, brincando, compartilhando, quase dançando. O contraste com a moça deprimida que conheci uma hora antes não podia ser maior!

Tudo isso dependeu de fazer o quinto passo. **Não podemos supor que nossas orações automaticamente vão resolver o problema de outra pessoa.** Lembre que Daniel teve de orar três semanas para que o anjo lhe respondesse, ganhando uma batalha espiritual pela ajuda do arcanjo Miguel (Dn 10.1-14). Às vezes, precisamos persistir em oração; outras vezes precisamos orar de uma forma diferente. **Outras vezes precisamos da ajuda de alguém com mais experiência.**

Certa vez uma equipe de restauração em outra cidade ministrou para uma moça casada há um ano e meio e muito infeliz no casamento. O marido era crente e a amava, mas desde a primeira noite nupcial o ato conjugal foi terrível para ela. Ela sentia profundas dores físicas e emocionais, sentindo-se suja, cheia de culpa, envergonhada e violada. A equipe ministrou a ela, mas não conseguiu entender a raiz do problema. Como consequência, nada mudou e ela ficou mais deprimida e angustiada do que antes da ministração.

A equipe daquela cidade trouxe-a, então, para ser ministrada por nossa equipe. Ao ler o relatório dela, imediatamente discernimos que a raiz era abuso sexual antes do casamento. Era oculta para a equipe da outra cidade, pois nem mesmo a moça havia percebido haver sofrido abuso sexual. Por não haver consumação do ato e por ter sido com seu “namorado”, ela não percebeu que as emoções terríveis que sentia com seu marido refletiam a violação sofrida nessa relação como adolescente. Terminada a ministração, foi maravilhoso ver o reencontro com o marido (a quem ministramos separadamente). Celebramos com eles um renovo de seus votos e o começo de um casamento com uma nova mulher e um novo homem! Raras vezes vi alguém mudar tanto com base numa ministração. Glória a Deus! Mas tudo isso aconteceu devido ao fato de a equipe iniciante ter tido o apoio de outros mais maduros para superar sua inabilidade e frustração. **Sempre precisamos de alguém atrás de nós para ajudar nos casos em que nossa experiência e maturidade não são suficientes.**

Havendo acertado o que mudou na vida da pessoa, passamos para o sexto passo.

6. DAR ACOMPANHAMENTO

O sexto e último passo é dar acompanhamento. Sem seguimento, é provável que a maior parte do que Deus fez acabe se perdendo. Pense comigo sobre um exemplo em outra área, a área do evangelismo. Uma campanha evangelística interdenominacional num estádio com um pregador internacional pode custar muito caro em dinheiro e em tempo de preparo. A semana da campanha é esgotante. Se não houver seguimento, ou se este for fraco, a maior parte dos resultados de todo esse investimento se perde.

Tudo isso se aplica tanto ao ministério de restauração da alma como ao ministério de libertação. A preparação para tal ministério pode ser extensa. O ministério em si pode ser esgotante. Mas se não houver seguimento, ou se este for fraco, logo voltam velhos padrões de pensar, agir e se relacionar.

Jesus explica a estratégia de Satanás de escravizar as pessoas que receberam ministério de restauração ou libertação. Se elas se libertarem de seus problemas ou dos demônios, mas não mudarem sua vida, esses problemas ou demônios voltam com mais força do que antes. *“E o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro”* (Mt 12.45). O estado final é pior porque ele conclui que nem o ministério de restauração ou de libertação funciona para ele. Além de ter muitos problemas, ele perde a pouca esperança que tinha.

O grupo de apoio dá seguimento à ministração com telefonemas ou visitas diárias nas primeiras semanas. Às vezes, além de orar, a equipe faz coisas práticas para ajudar (cf. Tg 2.15-17 e 1Jo 3.16-18). Normalmente, o ministrado precisará mudar em vários aspectos e isso deve ser comunicado ao discipulador ou líder espiritual, para que ele também possa se envolver no processo. É provável que a pessoa receba um ataque sério de Satanás dentro de alguns dias. Devemos adverti-la quanto a isso e dar o apoio necessário.

A ministração de restauração é parecida com uma cirurgia emocional, tirando um câncer do coração. Após a ministração, é preciso uma “terapia física” para desenvolver músculos emocionais atrofiados. Minha filha Valéria, aos oito anos, deslocou o cotovelo. Depois de um mês com o braço engessado, precisou fazer fisioterapia todos os dias, por uma hora, durante dois meses. Sem essa terapia e a ajuda

diária de sua mãe, Valéria teria perdido, permanentemente, parte da função de seu cotovelo. De forma parecida, as tarefas e acompanhamento treinam a pessoa ministrada para que ela consiga pensar, agir e se relacionar de forma saudável.

Seguimento é indispensável; é tão importante que não devemos nos entregar a um ministério sério de oração em equipe por alguém se não houver boas condições para dar seguimento adequado, incluindo um grupo de apoio. A pessoa precisa ser submissa a um discipulador ou líder espiritual, que pode encorajá-la e pedir-lhe que preste contas nas áreas que decidir que deseja mudar. Veja o capítulo treze (p. 33-34), onde tratamos mais do tema autoridade espiritual.

A equipe precisa ter muito cuidado quando estiver ouvindo Deus e sentindo que Deus está falando que a pessoa deve tomar algumas decisões que mudarão a direção de sua vida. Nesse caso, é melhor não comunicar isso diretamente no período da ministração. A equipe deve passar o que está sentindo para a pessoa que dá cobertura espiritual ao ministrado. Esse líder poderá julgar o que a equipe está sentindo, e se sentir que é de Deus, vai saber quando e como deverá compartilhar.

Se você tiver alguma pergunta ou comentário sobre os seis passos acima, anote-os para poder compartilhar com o grupo quando se reunir com eles.

Instrutor: repasse a tarefa para a próxima semana e então divida os participantes em grupos, como na semana passada.



TAREFA PARA O PRÓXIMO ENCONTRO

1. Faça a autoavaliação no começo do próximo capítulo e leia a seção “PARA ESTUDAR”, sublinhando os pontos importantes e fazendo anotações nas margens.
2. *Opcional, se houver tempo:* Procure implementar pelo menos um ou dois dos seis passos de ministério de oração, anotando os resultados, incluindo suas perguntas e dúvidas.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DISCUSSÃO

1. Reserve dez minutos para escrever a Deus o que você está sentindo ou use sua imaginação santificada para escrever o que você sente que Deus pode estar falando a você agora.

2. Compartilhe com seu grupo uma das coisas que mais mexeu com você neste estudo. Se você escreveu sobre isso, fique à vontade para ler sua oração a seus companheiros.
3. *Opcional, se houver tempo:* Se alguém no grupo tem uma necessidade séria ou um grande problema que não sabe como enfrentar, dedique tempo ouvindo-o e orando por ele sem entrar nos detalhes de uma ministração propriamente dita. Se a pessoa precisar de algo mais profundo, ela pode procurar a equipe de restauração.

Se não existir ninguém precisando de oração especial, cada pessoa deve identificar um passo que gostaria de tomar para crescer em sua habilidade de ouvir Deus. Anote esse passo (ou passos) e depois compartilhem uns com os outros. Concluam intercedendo um pelo outro nesse sentido.

Libertação

*Livre como um pássaro
voando brilhante,
com uma alvura
que ninguém pode conseguir.
Voando solta, ligeira,
rodopiando no ar
em piruetas esculturais.
Voando, voando, voando
até perder-se no infinito.*

*Incrível é a ação de Deus!
Maravilhoso, Majestoso,
Fiel e com Poder!
Senhor Altíssimo
Todo-Poderoso, Grande...
Poderia utilizar todo o dicionário,
explorar todas as palavras
e ainda assim não conseguiria
dizer quem realmente é Deus!*

*Bendito és Tu, Senhor,
o Teu nome tem todo poder.
Pequenina sou, diante de ti.
Mas tenho um Irmão
que o meu débito cancelou,
rasgou o véu que me impedia
de poder entrar em contato direto
com o meu Santíssimo Senhor.*

*Enumerar as bênçãos?!?
Impossível! Pois são tantas
que tenho medo de pecar,
de esquecer, de não contar com
veracidade,
com exatidão, o que Deus fez!
A barreira foi quebrada!
Satanás derrotado!
Deus, mais uma vez, ganhou a peleja*

*esmagou o inimigo debaixo
dos pés,
encheu de sua luz o que era trevas!*

*Recriou o criado!
Re-fez o que tinha feito,
mas homens tinham maculado.
Fez novas todas as coisas!
Agiu poderosamente
com mão forte e firme,
com intrepidez e coragem.
Revelou o que estava oculto,
quebrou os grilhões...
Destruiu a casa das dores,
das cinzas voou a paz!*

*Tentou o inimigo
frustrar o momento...
Esse momento em que uma criança,
pequena e indefesa
não pode expressar sua dor.
Tentou... mas não conseguiu,
pois o Justo Senhor reuniu um grupo
valente e batalhador
que labutou até o fim.*

*A vida renasce colorida,
com pastos verdejantes,
flores lindas por todo canto
passarinhos em eterna sinfonia.
Dá somente vontade
de dançar, pular, bailar,
contar para todo mundo
que Deus realmente existe
e ainda hoje se manifesta
diante dos nossos olhos.*

*Com a certeza de que
toda vida é um processo
de escolhas e perdas,
de ganhos, acertos, passos
que devem ser dados
dia após dia,
um de cada vez.*

*Apresento minha vida
como oferta diária,
singela, simples e pequena,
meu ser em adoração
disposto a ser usado
e amassado como grão
que deve morrer,
para vida devolver...*

*Oh, meu Senhor
mesmo que escreva
tantas obrigadas conseguir,*

*quantas folhas puder encher,
mesmo assim será pouco,
será nada, uma gota no oceano
e sem conseguir com intensidade
agradecer à altura
do Teu Divino Ser!
Mas é o que sei dizer,
é a palavra que conheço...
Obrigada, Senhor!!!
Por cada vida ...
Pela minha vida
Sou um milagre*

UMA POESIA DE LOUVOR A DEUS

Escrita por

Zoraide Soares Gumes Arditi

Após sua ministração no dia 04/05/02

São Paulo, 6 de maio de 2002.

12 OUTRAS SEIS DINÂMICAS ESPIRITUAIS DE RESTAURAÇÃO DA ALMA

“Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito”, diz o SENHOR dos Exércitos.

Zacarias 4.6

Não se enganem. Se algum de vocês pensa que é sábio segundo os padrões desta era, deve tornar-se “louco” para que se torne sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura aos olhos de Deus. [...] Pois o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder.

1Coríntios 3.18-19a; 4.20



AUTOAVALIAÇÃO DE SUA EXPERIÊNCIA DE DINÂMICAS ESPIRITUAIS DE RESTAURAÇÃO DA ALMA

A restauração da alma da maneira que nós a descrevemos não é bem conhecida na maioria das igrejas, nem pela maioria dos psicólogos. Envolve dinâmicas espirituais que muitas vezes não fazem parte de nossa experiência, enquanto outras dinâmicas são tão fundamentais que as conhecemos bem, mas não aplicamos à área de restauração. A seguir, encontram-se treze dinâmicas espirituais de restauração, a primeira das quais explicamos no capítulo anterior. Indique a frequência com que você as tem experimentado no último ano.

1. **Ministério de oração em equipe:** ministrando em oração para alguém necessitado, junto com outras pessoas, por meio de ouvir Deus de forma interdependente e levar a pessoa a ter um encontro com Jesus.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

2. **Imposição de mãos:** colocando as mãos na cabeça ou nos ombros de alguém, para que essa pessoa receba sabedoria ou consolo de Deus, unção ou a ministração do Espírito Santo.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

3. **Os dons espirituais:** exercendo dons como misericórdia, revelação, discernimento, profecia, sabedoria e dons de cura, para saber como ministrar de forma sobrenatural para alguém.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

4. **Batalha espiritual e ministério de libertação:** discernindo os ataques do Maligno, resistindo às forças dele e obtendo a vitória.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

5. **Experiência da Presença Real de Jesus:** visualizando Jesus como presente e ouvindo-o falar a você (ou outra pessoa) na primeira pessoa, por nome, ministrando a sua dor.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

6. **Submissão à autoridade da bíblia:** submetendo minhas opiniões e sentimentos à Palavra de Deus, ouvindo e obedecendo à voz de Deus expressa em sua Palavra, deixando-a ser a regra para meus pensamentos e ações.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

7. **Um grupo de apoio:** participando de um grupo de pessoas comprometidas a ser honestas e transparentes umas para com as outras, com as quais você regularmente abre seu coração e expõe seus sentimentos, ajudando-se mutuamente.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

8. **Autoridade espiritual:** reconhecendo que Deus deu a alguém uma graça especial para dar-me apoio espiritual e orientação divina, encontro-me com ele para ser encorajado e afirmado, como também para ser corrigido, quando surgir a necessidade, prestando contas quanto aos alvos espirituais que tenho compartilhado com

ele. (Escreva o nome dessa pessoa: _____
_____).

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

9. **O Espírito Santo como o Supremo Conselheiro:** levando uma pessoa necessitada à presença de Deus de tal forma que ela tenha um encontro divino, recebendo consolo, sabedoria, poder ou direção de Deus para sua vida.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

10. **Arrependimento:** reconhecendo meu erro ou pecado, decidindo abandoná-lo, tendo um coração contrito e quebrantado, sentindo a dor que causei a Deus e aos outros e demonstrando frutos de arrependimento, restituindo o mal que fiz.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

11. **Perdoar:** quando alguém me fere, liberá-lo do mal que fez, abrindo mão de meus direitos de vingar-me e da dívida que ele tem comigo.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

12. **Pedir perdão:** quando tenho ferido alguém, de coração quebrantado admitir meu erro, falha ou pecado e pedir-lhe a graça de Deus para ser liberado do mal que fiz. Como fruto de arrependimento, restituir o que posso, com o alvo de restaurar nossa relação e não deixar brecha alguma entre nós.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

13. **A cruz de Cristo:** apresentando-me perante Cristo (ou à cruz dele) para fazer uma troca divina: meu pecado pela justiça dele, minha fraqueza pelo poder dele e minhas feridas pela saúde dele.

Nunca Uma ou duas vezes Algumas vezes Frequentemente Regularmente

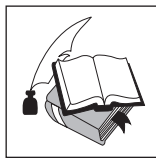
Volte à lista acima e dê um valor numérico a cada uma de suas respostas:

Nunca (0); Uma ou duas vezes (1); Algumas vezes (2); Frequentemente (3); Regularmente (4). Coloque esses números numa margem e some-os.

Como no capítulo anterior, notas baixas têm duas vantagens: demonstram sua honestidade, pois você não está procurando parecer algo que não é, e demonstram uma sensibilidade à sua necessidade de crescimento. Nesse sentido, notas baixas podem ser melhor do que notas altas!

Se seu total for 13 ou menos, você conhece pouco quanto à restauração da alma e na verdade conhece pouco quanto à vida espiritual em Cristo. Se seu total for de 14-26, você conhece algumas dinâmicas espirituais, mas as pratica pouco. Isso pode sinalizar um perigo: ter conhecimento, mas não estar vivendo segundo ele. Se seu total for de 27 a 39, você tem força espiritual e está com uma base forte para ministrar a outros. Se seu total for de 40 para cima, indica que você provavelmente tem um chamado na área de restauração e o está exercendo! Pessoas com notas mais baixas também podem ter um chamado nessa área. A nota baixa indica que existem impedimentos quanto a ministrar para outros, podendo ser os principais: falta de orientação e treinamento e falta de cura na sua própria vida.

No capítulo anterior explicamos a primeira dinâmica, o ministério de oração em equipe. Neste capítulo, desenvolveremos da segunda à sétima dinâmica e no capítulo seguinte desenvolveremos as últimas seis, num total de treze.



PARA ESTUDAR

As seis dinâmicas que estudaremos neste capítulo são: A) Imposição de mãos; B) Os dons espirituais; C) Batalha espiritual e ministração de libertação; D) Ministério da presença real de Jesus; E) Submissão à autoridade da Bíblia; e F) Um grupo de apoio. Escolha uma dessas seis que você conhece melhor e explique como ela se aplica na área de restauração.

O que se segue é uma explicação um pouco mais detalhada de cada uma dessas seis dinâmicas.

Enquanto você lê, lembre-se de sublinhar pontos importantes e colocar anotações na margem. Especialmente, coloque a palavra “Eu?”, com um ponto de interrogação, onde você vê algo que possa estar relacionado a você.

A. IMPOSIÇÃO DE MÃOS

A imposição de mãos é a transmissão da graça de Jesus Cristo por meio de uma ou duas pessoas, chamadas e autorizadas a ministrar em oração por outra pessoa, impondo-lhe suas mãos. Em alguns casos, como em uma ordenação, a autoridade é transmitida. Outras vezes é dado um poder espiritual. O Senhor é a fonte desse poder, mas, de alguma forma, os seres humanos estão envolvidos.

Veja os seguintes casos:

1. *“Mas Israel estendeu a mão direita e a pôs sobre a cabeça de Efraim que era o mais novo, e a sua esquerda sobre a cabeça de Manasses...”*
“Israel abençoou os filhos de José de tal forma que os tornou grandes povos, duas das doze tribos de Israel” (Gn 48.14-20, RA).
2. *“E (Moisés) lhe impôs as mãos (sobre Josué)” (Nm 27.23, RA).*
3. *“E (Jesus) não pôde fazer ali nenhum milagre, exceto impor as mãos sobre alguns doentes e curá-los” (Mc 6.5).*

4. Jesus *“tomou as crianças nos braços, impôs-lhes as mãos e as abençoou”* (Mc 10.16).
5. *“Apresentaram estes homens (os diáconos) aos apóstolos, os quais oraram e lhes impuseram as mãos”* (At 6.6).
6. *“Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo”* (At 8.17).
7. *“Ananias [...] impôs as mãos sobre Saulo e disse: ‘Irmão Saulo, o Senhor Jesus [...] enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo’”* (At 9.17).
8. *“... havia profetas e mestres. [...] Assim, depois de jejuar e orar, impuseram-lhes as mãos (a Barnabé e Saulo) e os enviaram (para serem missionários)”* (At 13.1-3).
9. *“Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros”* (1Tm 4.14).
10. *“... ensinos elementares [...] imposição de mãos...”* (Hb 6.1-2).

Vários resultados acontecem pela imposição de mãos ou no momento em que isso é feito:

1. Servos de Deus são consagrados para liderança e serviço (Nm 27.15-23; Dt 34.9; At 6.1-6; 13.1-3; 1Tm 4.14).
2. Pessoas são abençoadas (Gn 48.14-20; Mt 19.13-15; Mc 10.13-16).
3. Pessoas são curadas (Mc 6.1-6; 16.16-18; Lc 4.40-41; At 9.17,18; 28.8).
4. Pessoas são libertas de demônios (Mc 16.16; Lc 4.40-41; 13.10-13).
5. Pessoas recebem o Espírito Santo, a unção do Espírito (Dt 34.9; At 8.17-20; 9.17,18; 19.6) ou um dom especial do Espírito (1Tm 4.14; 2Tm 1.6).

Mais do que necessário é ter intimidade com Deus neste ministério. A imposição de mãos deve ser feita com seriedade. Requer autoridade divina, consagração e motivação certa (At 8.17-25). Quantas brechas pudermos fechar para que o inimigo não atue em nossas vidas, melhor será (podemos aqui, também, fazer um paralelo com o jejum).

Parece que uma identificação e uma ligação acontecem entre as pessoas envolvidas na imposição de mãos. Paulo adverte Timóteo: “Não se precipite em impor as mãos sobre ninguém e não participe dos pecados dos outros. Conserve-se puro” (1Tm 5.22).

O ungir com óleo feito sob a direção do Espírito também libera uma graça especial (Mc 6.13; Tg 5.14,15). Tal unção expressa consagração e é um símbolo do mover do Espírito. Parecido com a imposição de mãos, repetidas vezes temos experimentado que quando alguém está bloqueado quanto a receber ministração de cura ou de libertação, a unção com óleo o libera.

B. OS DONS ESPIRITUAIS

Um dom espiritual é uma graça dada pelo Espírito Santo para edificar o espírito de outros, resultando no crescimento do Corpo de Cristo. Alguns dons têm bastante a ver com o ministério de restauração da alma, especialmente os indicados em 1Co 12.8-10. Normalmente, alguém com um chamado para ministrar no campo de restauração terá pelo menos um dos seguintes dons:

1. *Palavra de sabedoria*: tendo uma intuição dada por Deus de como responder a uma situação específica.
2. *Palavra de conhecimento*: tendo informação dada por Deus para uma situação específica que de outra forma não seria conhecida.
3. *Fé*: visualizando o que Deus quer fazer emantendo uma confiança constante que Deus o fará, mesmo quando surgirem obstáculos que pareçam ser impossíveis de serem superados (Hb 11.1).
4. *Dons de cura*: restaurando a saúde ao corpo e/ou à alma de forma sobrenatural.
5. *Profecia*: recebendo e transmitindo uma mensagem imediata de Deus para uma situação específica (1Co 14.1,5,31,39).
6. *Discernimento de espíritos*: percebendo e distinguindo entre espíritos bons (anjos ou Espírito Santo), espíritos maus (demônios) e espíritos humanos (At 5.1-9).
7. *Revelação* (1Co 14.6, 26): uma habilidade sobrenatural de visualizar realidades espirituais eternas. Veja, por exemplo, o livro de Apocalipse. Esse dom não entra na lista de 1Co 12.8-10, mas nenhuma das listas bíblicas pretende ser com-

pleta. Poderia estar ligado a um dom ou habilidade sobrenatural de imaginação santificada.

8. *Misericórdia*: identificando-se com, e respondendo a, carências de pessoas afligidas ou necessitadas. As pessoas se sentem acolhidas, o que as ajuda na expressão de suas emoções.

No exercício de todos esses dons, precisamos cultivar intimidade com Deus para poder reconhecer sua voz. Cinco filtros ou testes que nos ajudam nisso são:

1. A Palavra de Deus: tudo precisa ser coerente com a Bíblia.
2. Harmonia com nosso espírito; uma paz ou tranquilidade.
3. Testar com a frase “Meu Pai, que me ama, me diz...” para ver se é coerente com o que procederia dele.
4. Confirmação de outros.
5. Se for direcional, submeter o que estamos ouvindo à liderança colocada por Deus na igreja, e à liderança da equipe de ministério, quando os dons forem usados nesse contexto (1Co 14.29-33,37-40; 1Ts 5.19-21).

C. BATALHA ESPIRITUAL E MINISTRAÇÃO DE LIBERTAÇÃO

Batalha espiritual é a luta entre as forças de Deus e as forças contra ele. Na esfera humana, filhos de Deus lutam contra a carne, o mundo e o diabo.

A **carne** é nossa velha natureza, que ainda reside em nós no nível de nossa alma: mente, emoções e vontade. Ainda que sejamos novas criaturas com um novo espírito, nossa alma precisa ser santificada pelo poder do Espírito Santo em conjunto com nosso novo espírito. Nesse sentido, praticamos diariamente o morrer de tudo em nós que é contrário à vida divina que ganhamos na cruz.

O **mundo** é o sistema de valores e pensamentos que desconhece ou se opõe a Deus. Quando esse sistema de valores e os padrões humanos encontra bases fortes em nós, a Bíblia chama isso de uma fortaleza que precisa ser destruída (2Co 10.2-6). Atualmente, entre as grandes fortalezas estão o *humanismo* (que exalta a realização humana à parte de Deus), o *materialismo* (que mede o valor da pessoa por suas posses), o *hedonismo* (que ensina que o que dá prazer, o que nos faz sentir bem, é a base para nossas decisões), o *misticismo*

(que procura experiências espirituais fora de Jesus Cristo) e o *individualismo* (que exalta a independência e a realização individual, não importa o que custe aos outros).

O **diabo** é Satanás, que lidera exércitos de demônios procurando qualquer espaço que lhe dermos para nos afligir (Ef 4.26,27). Ele quer nos destruir (1Pe 5.6-8) e usa qualquer artimanha para nos atacar. As mágoas ou feridas que ficam em nós através de meses ou anos têm alguma base na carne e provavelmente no mundo. Normalmente, Satanás e os seus demônios só têm acesso a nossas vidas quando deixamos alguma brecha: feridas não saradas ou pecados não confessados. Para fazer um trabalho de libertação que permaneça, é indispensável tratar as raízes que abriram a brecha. As duas raízes principais que a Bíblia indica especificamente como as áreas através das quais Satanás nos ataca são a ira (Ef 4.26,27) e a ansiedade ou o medo (1Pe 5.6-8).

No segundo capítulo deste livro indicamos **cinco portões grandes pelos quais Satanás pode ter acesso a nossa vida**: o espiritismo, a rejeição da parte de pessoas importantes para nós, o ato sexual fora do casamento, o alcoolismo ou drogas e o desejo de morrer. O melhor recurso que conheço quanto a como obter vitória contra aflição demoníaca é o livro de Neil Anderson, *Quebrando correntes*. Seguindo as orientações dele, temos tido sucesso em ver pessoas libertas sem que haja um grande confronto de poderes que acaba traumatizando a pessoa aflita. Neil coloca, e eu afirmo, que a luta não é basicamente um confronto de poderes e sim um confronto da verdade com a mentira. Levando a pessoa a declarar sua identidade em Cristo, os demônios perdem seu poder. Ali, podem ser renunciados e mandados para onde Jesus indicar.

D. A EXPERIÊNCIA DA PRESENÇA REAL DE JESUS

Na experiência da presença real de Jesus, ajudamos outra pessoa a convidar Jesus a se revelar nos momentos dolorosos do passado, vendo-o transformar a dor por meio de seu amor, graça e perdão. Sem experimentar Jesus (o segundo passo de nossa definição de restauração), não existe cura. Pode existir compreensão do problema, entendimento das raízes, uma perspectiva de como lidar com os efeitos e um esforço para pensar, sentir ou agir de uma forma nova. Mas sem experimentar a presença dele e sentir o seu amor, não existe cura. A dor continua. Pode estar escondida, racionalizada, explicada ou reinterpretada, mas continua.

Carlos Alberto Silva Ferreira, no livro *Psicoterapia cristã: cura de Deus para as enfermidades interiores*, oferece bons exercícios que ajudam a visualizar Jesus chegando à pessoa ferida, e alguns passos pelos quais ela pode experimentar Jesus ministrando-lhe (cf. p. 21-22, 28 e 48). Geralmente, este uso da imaginação santificada funciona melhor quando uma equipe de ministério (como indicado acima) ajuda a pessoa ferida a experimentar a presença de Jesus (veja as p. 12-13 deste livro para um exemplo disso). **Voltando à dor do passado, enxergamos a presença de Jesus no meio do trauma, sofrendo conosco, acompanhando-nos intimamente, recebendo sobre si nossa dor e protegendo-nos contra coisas piores.** Aplicamos 2Co 3.18 ao passado:

“E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória (presença, caráter, face) do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados (curados, santificados, liberados) com glória cada vez maior”.

Jesus entra no meio da experiência terrível do passado e tira o medo, a ira, a angústia, enfim, a dor. Ele revela à pessoa ferida que esteve presente e ativamente envolvido, sendo um homem de dores e levando sobre si nossas feridas (Is 53.3-5). Ele muda o quadro de nossas lembranças, para poder entender a verdade de que ele *“age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam...”* (Rm 8.28).

Jesus é quem cura. Os que ministram nessa área têm o privilégio (e a responsabilidade) de ajudar a pessoa ferida a enxergar Jesus. Essa visão interior não é apenas um esforço de *superar* a dor para poder ver Jesus; é o milagre de ver Jesus no *meio* da dor, levando-a sobre si e liberando a pessoa ferida dessa dor. Aleluia!

E. SUBMISSÃO À AUTORIDADE DA BÍBLIA

A Bíblia é o “Manual de Instruções” definitivo, escrito para o ser humano da parte daquele que o projetou. Explica como deve funcionar, como fazer “manutenção” e como consertar problemas básicos. Ela é a única autoridade infalível em relação ao que precisamos crer e como precisamos viver para ter saúde e vida abundante. A Bíblia é indispensável como regra de nossas vidas, tanto para as pessoas que ministram restauração da alma como para as pessoas que a recebem.

Os que ministram na área de restauração ganham pelo menos três coisas por meio de ministrar com base na palavra:

1. *Sabedoria de Deus e orientação divina que traz vida.* Dirigida a nossa alma (Dt 11.18), a Bíblia é a Palavra de Vida que julga (Hb 4.12), ensina, repreende e corrige (2Tm 3.16), alimenta (Dt 8.3; Jr 15.16; 1Pe 2.2) e restaura (Sl 19.7).

2. *Autoridade divina e poder divino* (2Tm 3.16,17; Hb 4.12).

3. *Uma base objetiva que protege contra exageros e erros em um ministério que é profundamente subjetivo.* Muitas das treze dinâmicas espirituais indicadas aqui têm uma dimensão subjetiva forte. Todas essas dinâmicas precisam ser coerentes com a autoridade objetiva da Palavra de Deus e submetidas a ela.

Pessoas feridas recebem tudo o que está indicado acima, além de um profundo sentido de segurança, por meio da Palavra de Deus. Ao mesmo tempo, elas podem enfrentar várias dificuldades quanto à Bíblia, sendo as maiores:

1. *Inabilidade de acreditar* em algumas qualidades do caráter de Deus, tais como seu amor, graça, perdão, ou, às vezes, qualidades “opostas”, como santidade e justiça.

2. *Falta de submissão aos princípios* de Deus para a vida. Acreditam intelectualmente, mas não conseguem viver na prática.

3. *Interpretação ou ensino errado* que as tem deixado presas a princípios ou perspectivas não bíblicas, às vezes levando-as a lutar contra problemas como culpa falsa, legalismo ou perfeccionismo.

Qual vem primeiro, sintonizar nossos pensamentos, vontade e emoções com a Bíblia ou a restauração da alma que libera nova fé, motivação e força? São interdependentes! **Quando houver algum bloqueio impedindo a restauração, precisamos voltar à base da Palavra e ver se um ou outro dos três problemas acima está nos prejudicando.** Se a Palavra não tem seu devido lugar em nossa vida, muitas vezes precisamos nos arrepender, reconhecendo que ao nos afastar da Palavra nos afastamos também de Deus.

F. UM GRUPO DE APOIO

Um grupo de apoio é um grupo de pessoas (normalmente de quatro a seis) que reconhecem que precisam de ajuda e se encontram regularmente para superar problemas que não conseguiriam resolver sozinhos. Membros de grupos de discipulado e grupos familia-

res dão um certo apoio uns aos outros, mas grupos de apoio são mais direcionados à restauração da alma ferida. Ele é composto por pessoas comprometidas a ser honestas e vulneráveis, regularmente abrindo seu coração e expondo seus problemas, podendo contar com a ajuda dos outros.

Um grupo de apoio, sob liderança espiritual e com membros comprometidos a compartilhar uns com os outros *e com Deus*, é uma considerável força espiritual. Dois são bem melhores que um e uma corda de três fios não se arrebenta facilmente (Ec 4.9-12). Esse grupo permite o exercício dos dons e outras dinâmicas espirituais.

Eu acho um grupo de apoio quase indispensável no processo de restauração para pessoas com feridas sérias. O grupo tem pelo menos cinco funções:

1. *Ajuda a pessoa a lidar com sua vida atual.* Conselheiros ou uma equipe de restauração podem ter encontros individuais com a pessoa para tratar do passado. O grupo ajuda tremendamente, dando uma força quanto a como lidar com o presente, encorajando e pedindo à pessoa que preste contas quanto a seus próprios alvos.

2. *Fornece um “laboratório vivo”* no qual os membros aprendem novas formas de se relacionar, lidar com conflitos e resolver problemas. As suas tendências doentias podem ser confrontadas e trabalhadas num ambiente seguro.

3. *Ajuda o conselheiro ou a equipe de restauração* para que não fique esgotado, procurando carregar todo o peso emocional da pessoa ferida sozinho.

4. *Ministra à pessoa ferida.* O grupo é uma expressão do Corpo de Cristo, e Cristo se faz presente por meio dele (Mt 18.18-20).

5. *Dá um contexto no qual a pessoa pode ajudar outros, tomando-se ministro.* Ela não fica com os olhos fixos apenas em si mesma. Sai do buraco emocional da autopiedade e se estende para ajudar outros. Nessa ajuda, ela é encorajada por saber que ela serve!

Instrutor: repasse a tarefa para a próxima semana e então divida os participantes em grupos, como na semana passada.



TAREFA PARA O PRÓXIMO ENCONTRO

1. Faça a autoavaliação no começo do próximo capítulo e leia a seção “PARA ESTUDAR”, sublinhando os pontos importantes e fazendo anotações nas margens, como nas semanas passadas.
2. *Opcional, se houver tempo.* Procure implementar o máximo que puder dos seis passos de ministério de oração, anotando os resultados, incluindo suas perguntas e dúvidas.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DISCUSSÃO

1. Escreva a Deus o que você está sentindo ou use sua imaginação santificada para escrever o que você sente que Deus pode estar falando a você agora.

2. Como na semana passada, compartilhe com seu grupo uma das coisas que mais mexeu com você. Se você escreveu sobre isso, fique à vontade para ler sua oração a seus companheiros.
3. *Opcional:* Como na semana passada, se alguém no grupo tiver uma necessidade séria ou um grande problema que não sabe como enfrentar, use o resto do tempo para ouvir e orar por ele (a). Se fizer isso, o líder do grupo deve dar relatório ao final do encontro, ou logo depois, para o coordenador do treinamento. Se surgir algum problema, o coordenador pode dar cobertura.
Se não houver alguém precisando de oração especial, cada pessoa pode identificar uma das seis dinâmicas deste capítulo na qual mais gostaria de crescer. Anote-a abaixo e depois compartilhe com os outros. Isso pode ser uma base para o período de oração, ao final.
4. Terminem a sessão orando juntos (20-25 minutos).

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Muitos dos livros ao final do primeiro capítulo tratam de dinâmicas de restauração emocional indicadas aqui e no próximo capítulo. Outros livros relacionados a essas dinâmicas incluem os seguintes.

- AGUIAR, Marcelo. *Cura pela palavra*. Belo Horizonte: Betânia, 1998.
- ANDERSON, Neil T. *Quebrando correntes: como vencer a guerra espiritual*. São Paulo: Mundo Cristão, 1990/1994. 255 páginas. O melhor livro que conheço sobre **libertação** da aflição demoníaca. É prático, bíblico e tem me dado confiança em ministrar libertação como nunca tive antes.
- BARCELOS, Carlos. *Criando sua liberdade: amor sem dependência*. São Paulo: Gente, 1993. 105 páginas. Pessoas disfuncionais, normalmente, têm outras ao seu redor que ajudam a cobri-las e mantê-las. Barcelos explica para essas pessoas **codependentes** como libertar-se e ganhar um novo rumo para a vida. Dá um resumo dos **Doze Passos** no contexto de **um grupo de apoio**.
- CLOUD, Henry; TOWNSEND, John. *Limites*. São Paulo: Vida, 1999. Princípios práticos de vida funcional.
- KORNFELD, David. *Desenvolvendo dons espirituais e equipes de ministério: mobilizando o Corpo de Cristo*. São Paulo: Betânia, 2021. 200 páginas. Dedicar um capítulo a **dois dons importantes** na restauração:

profecia, no sentido de ouvir a palavra de Deus para uma situação específica, e **misericórdia**. Ajuda as pessoas a identificar seus dons e reconhecer o que mais as motiva em seus ministérios.

MILHOMENS, Valnice. *Personalidades restauradas*. São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1992. 220 páginas. Dá uma interpretação alegórica à restauração dos muros e portões de Jerusalém por Neemias. Excelentes princípios quanto à batalha espiritual e conquista da mente, da vontade e das emoções.

THOMPSON, Bruce e Barbara. *Paredes do meu coração*. Belo Horizonte: Jocum, 1989/1994. 224 páginas. Ajuda-nos a identificar as paredes de autodefesa em torno de nosso coração. As paredes que levantamos para nos defender se tornam paredões de um cárcere que aprisiona nossa verdadeira personalidade. Thompson indica como se libertar dessas paredes e reconstruir da maneira certa os muros do coração.

WAGNER, Peter. *Descubra seus dons espirituais*. São Paulo: Abba Press, 1979/1989. 266 páginas. Superequilibrado, Wagner trata de 27 **dons do Espírito**, incluindo os nove dons manifestacionais no começo de 1Co 12.

13 MAIS SEIS DINÂMICAS DE RESTAURAÇÃO DA ALMA

Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores. Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado. Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz.

Tiago 5.13-16



AUTOAVALIAÇÃO DE SUA EXPERIÊNCIA DO PERDÃO

Trataremos de mais seis dinâmicas neste capítulo:

- A. Autoridade espiritual.
- B. O Espírito Santo como o supremo conselheiro.
- C. Arrependimento.
- D. Receber perdão.
- E. Perdoar.
- F. A cruz de Cristo.

Dessas seis, decidi destacar a do perdão na autoavaliação. O perdão é mais uma chave para a restauração da alma. A autoavaliação tem duas partes. Na primeira, faça uma lista das pessoas que têm magoado, ferido ou ofendido você, escrevendo seus nomes abaixo. Se houver mais de dez, escolha as dez principais!

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

1. Agora, volte à lista acima e coloque a palavra “PERDOADO!” depois de cada pessoa que você sabe que tem perdoado. Se você realmente está liberto dessa mágoa e a tem perdoado, há dois indicadores simples e objetivos:

- A. Não sente mais dor quando pensa sobre essa pessoa.
- B. Pode encontrar-se com essa pessoa e ter plena liberdade de conversar normalmente com ela, sem ser hipócrita ou esconder seus sentimentos verdadeiros.

Se há alguém que você não consegue declarar perdoado, você precisa de restauração quanto a essa pessoa. Precisa pedir perdão quanto a sua amargura e dureza de coração na luz do incrível amor de Deus que tem sido estendido a você. Tendo dificuldade em perdoar, medite no perdão que Deus tem estendido a você. Uma passagem que talvez ajude é Mateus 18.21-35.

Se há duas ou três pessoas que você não consegue declarar perdoadas, você está com uma raiz de amargura muito perigosa (Hb 12.15). Se você tem várias pessoas que não consegue perdoar, procure ajuda urgentemente, porque é provável que essa raiz de amargura se tornou uma fortaleza, dominando sua vida e prejudicando todos os seus relacionamentos direta ou indiretamente.



PARA ESTUDAR

1. Escolha uma das seis dinâmicas indicadas acima que você conhece melhor e explique como ela se aplica na área de restauração da alma.

2. O que se segue é uma explicação um pouco mais detalhada das últimas seis dinâmicas. A primeira, ministério de oração em equipe, foi explicada no capítulo onze; mais seis foram abordadas no capítulo doze. As últimas seis estão sendo explicadas aqui.

Enquanto você lê, lembre-se de sublinhar pontos importantes e colocar anotações na margem. Especialmente, coloque a palavra “Eu?” com um ponto de interrogação onde você vê algo que possa estar relacionado a você.

A. AUTORIDADE ESPIRITUAL

Autoridade espiritual é o direito, a responsabilidade e a habilidade de dar cobertura, proteção e orientação para equipar outros a chegar à plena estatura de Jesus Cristo (cf. Ef 4.11-13). Essa graça sobrenatural é conferida por Deus às pessoas que ele coloca em liderança. Essas pessoas têm um discernimento e uma unção especial para liderar as pessoas que Deus lhes dá. A eficácia delas é multiplicada quando elas também estão sob autoridade espiritual madura.

Ter uma cobertura de autoridade espiritual é importante em dois aspectos: para a equipe de restauração e para as pessoas feridas. Os membros da equipe, ou os conselheiros, precisam estar claramente sob autoridade espiritual na área de sua vida pessoal e também na área de seus ministérios. A equipe, ou os conselheiros, deve andar de acordo com a pessoa que tem responsabilidade espiritual pela vida da pessoa ferida, tendo uma visão compartilhada de seus respectivos papéis. Em 1Pedro 5, Pedro nos exorta à submissão aos nossos líderes e a Deus (v. 5-6). Poucas pessoas fazem a ligação disso com o seguinte versículo, de lançar sobre ele toda a nossa ansiedade (v. 7). Quando não estamos debaixo da cobertura de autoridade espiritual, somos mais vulneráveis à ansiedade e ao medo. Eu vejo que essa falta de proteção e a ansiedade que a acompanha nos tornam alvos fáceis para Satanás, que quer nos destruir (v. 8).

A equipe, normalmente, não deve assumir o papel de autoridade espiritual na vida da pessoa, a não ser em um caso excepcional, sob a direção do pastor. Por que digo isso? Porque existe uma tendência natural de a pessoa ferida tornar-se dependente da equipe de restauração. Precisamos lutar contra isso, especialmente porque existe algo em nós que gosta do fato de outros serem dependentes de nós. Na pior das hipóteses, a equipe de restauração pode tornar-se um grupo de elite, com seus seguidores apaixonados, e acabar dividindo a igreja. Por isso, é muito importante ajudar as pessoas feridas a estabelecer relacionamentos saudáveis com outros líderes maduros do corpo. A equipe, *e especialmente o líder da equipe*, precisa estar plenamente sob a autoridade do pastor da igreja. É muito importante que o pastor inclua o líder da área de restauração em sua equipe pastoral ou ao grupo base de discipulado, para manter relações estreitas com ele/ela.

Pessoas feridas precisam de um discipulador ou líder pastoral que dará seguimento e cobertura ao trabalho do conselheiro ou equipe de restauração. Eu não aconselho a investir muito tempo em alguém que não seja um membro fiel de uma igreja local, comprometido a seguir a direção espiritual de seu pastor, discipulador ou líder espiritual. Quando a pessoa não está debaixo de autoridade espiritual, o passo do seguimento se torna muito difícil. (Veja as p. 12-13, que falam da importância do seguimento). Podemos resolver alguns problemas temporariamente, mas se não houver um discipulador para dar seqüência, esses problemas facilmente voltam e o estado final da pessoa pode ser

pior que o inicial. O que Jesus fala quanto a isso, em relação à libertação (Mt 12.43-45), pode se aplicar também à restauração.

E o ministério para com pessoas não crentes? Esse ministério, de forma introdutória, é importante. Mas se uma pessoa não crente *não* demonstra um interesse sério nas coisas de Deus, entregando-se a ele, eu não aconselho a investir em um processo mais prolongado com essa pessoa. Entre outras razões, restauração tem sua fonte em Jesus. *Se a pessoa não tiver Jesus como Salvador e Senhor de sua vida, não vai experimentar restauração de forma plena.*

A equipe de restauração pode ministrar para membros de outras igrejas de uma forma introdutória também. Se essa pessoa quiser ministério mais sério, eu faria duas perguntas prévias: 1) Ela é membro fiel de uma igreja saudável?; 2) Ela está debaixo de autoridade espiritual e tem alguém que está disposto a dar seguimento ao ministério da equipe de restauração? Se a resposta a qualquer das duas perguntas for negativa, a norma seria não ministrar de forma séria ou profunda a essa pessoa. Mas pergunte a Deus. Às vezes, ele tem razões para fazermos uma exceção às nossas regras!

Outro aspecto que precisamos reconhecer é que muitas vezes a pessoa foi ferida por alguém que tinha autoridade espiritual sobre ela: pai, mãe, marido, professor, pastor ou líder da igreja. Nesse caso, a pessoa naturalmente terá uma grande barreira, expressa pelo medo ou a ira, em relação à autoridade espiritual. Precisamos de um discipulador ou líder espiritual que demonstre amor de uma forma que ganhe a confiança da pessoa ferida, reconquistando seu coração.

A autoridade que está funcionando dentro da esfera da graça que Deus lhe deu não precisa chamar atenção para a sua posição de autoridade. **Deve agir com o modelo de interdependência**, encorajando o outro a andar segundo a luz que tem, acrescentando à luz que Deus lhe deu, procurando alinhar as duas luzes para serem uma só. Deve encorajar a pessoa ferida a definir seus próprios alvos e então cumpri-los. De jeito nenhum deve impor suas ideias ou alvos para a outra pessoa.

B. O ESPÍRITO SANTO COMO O SUPREMO CONSELHEIRO

E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade [...] Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Do pecado, porque os homens

não creem em mim; da justiça, porque eu vou para o Pai, e vocês não me verão mais; e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está condenado. Tenho ainda muito que lhes dizer, mas vocês não o podem suportar agora. Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade.

Jo 14.16-17; 16.8-13

Isaias profetiza que Jesus será conhecido como “*Maravilhoso Conselheiro*” (Is 9.6), e na passagem acima Jesus passa esse papel para o Espírito Santo. **Quais os aspectos especiais com que o Espírito ministra às pessoas feridas?**

1. *A verdade* (Jo 14.17; 16.13). Pessoas feridas enxergam a vida com óculos distorcidos. Elas perdem a habilidade de pensar de forma correta e verdadeira quando enfrentam certas pessoas, situações ou escutam certas palavras. Elas também lembram o passado de uma forma distorcida, muitas vezes atribuindo um peso emocional exagerado a certos fatos. O Espírito Santo pode tirar essa cegueira e ajudar a pessoa ferida a ver as coisas como realmente são ou eram.

2. *Convicção de pecado* (Jo 16.9). A pessoa ferida geralmente tem nutrido medo, raiva ou amargura. Sem reconhecer esses pecados e arrepender-se deles, a pessoa ferida nunca será curada.

3. *Convicção da justiça de Deus* (v. 10). A pessoa ferida muitas vezes desconfia das ações ou do caráter de Deus. Precisa ser curada de uma imagem distorcida de Deus e arrepender-se de haver feito Deus a sua imagem, em vez de permitir a Deus refazê-la à imagem dele.

4. *Convicção do juízo de Satanás e do mundo* (v. 11). A pessoa ferida precisa saber no seu íntimo que Deus julga, condena e destrói toda ação e pensamento contrários a ele. Sabendo disso, ela fica liberada do espírito de julgar, condenar e procurar destruir as pessoas que a feriram.

5. *Confiança* de que Deus tratará de nossos problemas à medida que podemos suportar a cirurgia espiritual (v. 12). Nunca precisamos ter medo de que Deus nos tratará de forma que não poderemos aguentar (cf. Mt 11.28-30; 12.20). Quando andamos com Deus, ele nunca nos pedirá algo além do que podemos suportar.

6. *Liberdade de espírito*. Como o Espírito da verdade (v. 13), ele nos libera de nossas algemas. “E conhecerão a verdade e a verdade os libertará” (Jo 8.32). Jesus é a verdade, bem como o caminho e a

vida (Jo 14.6). O Espírito nos revela Jesus (Jo 16.13-15) e Jesus nos dá vida abundante (Jo 10.10). Aleluia!

O conselheiro humano precisa submeter-se ao Espírito como o Supremo Conselheiro, dando-lhe liberdade para que sua unção ministre as seis qualidades acima, qualidades que estão muito além da habilidade humana. Sem a unção do Espírito, dificilmente seremos bem-sucedidos no ministério de restauração.

C. ARREPENDIMENTO

Arrependimento é o reconhecimento de que existe pecado ou algo errado moralmente, com o conseqüente abandono desse pecado e o compromisso de uma mudança de vida (Mt 3.2,3,8). Sem arrependimento, não podemos receber perdão divino e sem perdão não existe restauração.

Uma pessoa ferida normalmente é uma combinação de vítima e vilã. Pode ser 90% vítima e 10% vilã, mas as duas geralmente estão misturadas. Provavelmente, na época do trauma inicial ela foi só vítima, como no caso da criança abusada, estuprada ou que sofreu incesto. Mas com o passar do tempo, começa a nutrir atitudes de medo, raiva ou amargura. A resposta inicial a um trauma é choque, com nossas defesas emocionais negando a dor que experimentamos. Conforme o choque passa, começamos a sentir uma terrível dor, às vezes nem lembrando a razão dela. **Toda dor naturalmente leva a uma das duas reações: medo (fugir) ou raiva (atacar), ou possivelmente uma combinação das duas.** Esses sentimentos não são pecaminosos; são reações naturais e normais. Mas se tornam pecado quando decidimos nutrir essas qualidades, deixando-as estabelecer raízes (ou fortalezas) em nosso coração.

Raiva não resolvida desenvolve a raiz de amargura, que contagia muitas outras pessoas (Hb 12.15). A vítima se torna vilã. Uma evidência dessa raiz é quando nos recusamos a perdoar as pessoas que nos machucaram e nutrimos o desejo de vingança.

Medo não resolvido bloqueia o amor, especialmente o amor a si mesmo. Essa pessoa desenvolve um complexo de inferioridade ou superioridade, não conseguindo aceitar o amor incondicional de Deus, conseqüentemente, não conseguindo amar e ser amada por outros.

O primeiro passo da restauração é reconhecer nossas feridas (quando fomos vítimas), nossas defesas (quando não estamos confiando em Deus e seu amor) e nossas responsabilidades (quando pecamos ou nos tornamos vilões, abusando de outros ou os machucando, pelo menos a pessoa que nos feriu e Deus.

Reconhecer nossa responsabilidade e nossa falha em agir da forma certa abre a porta ao arrependimento. O arrependimento, se for feito com um coração quebrantado, abre a porta ao perdão e, conseqüentemente, à cura. Como podemos experimentar um coração quebrantado? Essa contrição vem por meio de meditar na dor que causamos. Causamos dor a Deus em primeiro lugar. Desconfiando dele. Rejeitando o amor dele. Fugindo dele. E às vezes atacando e acusando outros, procurando destruí-los. É aí que entra o arrependimento.

O conselheiro que acredita que a pessoa ferida é somente uma vítima nunca a levará ao arrependimento. Sem uma convicção clara do pecado, da justiça e do juízo, nunca haverá libertação da cruel realidade de que nós também nos tornamos vilões.

D. RECEBER PERDÃO

Receber perdão é receber a graça de ter nossas dívidas canceladas, sendo restaurados à harmonia e à comunhão. Recebemos perdão quando, arrependidos, pedimos por ele. Precisamos ser bem específicos quanto às nossas falhas e sobre o que estamos pedindo perdão. Não é suficiente dizer “Desculpe qualquer coisa” ou “Perdoe-me pelo que tenho feito e/ou deixado de fazer”. Pedir perdão requer humildade ou, mais ainda, quebrantamento de coração (Sl 51). Quando pedimos perdão com essa atitude, Deus sempre nos perdoa. A graça desse perdão nos atinge em três níveis.

Primeiro, nos restaura à comunhão com Deus. Entramos em harmonia com Deus, nosso ser inteiro se sintonizando com ele. Somos lavados de toda a culpa e angústia do pecado, liberados de sermos vilões. Nos tornamos brancos como a neve, as impurezas sendo queimadas no fogo de sua presença, restaurando-nos à justiça e à santidade de Deus. Nesse estado, temos a habilidade de ouvir a voz dele, que antes não conseguíamos ouvir (cf. Is 6.7,8a).

Em segundo lugar, receber perdão restaura nossa comunhão conosco mesmos. Não somos mais presos ao conflito interno entre o que queremos ser e o que somos (Rm 7.14-25); entramos na libertação

do Espírito (Rm 8). Estamos em harmonia conosco mesmos, sentindo a paz do Senhor guardando e governando nosso coração e nossa mente (Fp 4.7). Muito de nossa energia emocional foi desgastada para sobreviver no meio de nossos conflitos internos. Agora, somos libertos para amar, celebrar e servir com alegria.

Em terceiro lugar, receber perdão restaura nossa comunhão com outros, até com os que nos feriram. A graça que recebemos nos permite estender o mesmo para outros. Isso será desenvolvido na próxima seção.

Receber perdão e perdoar estão no centro da restauração. São o terceiro e quarto passos de nossa definição (capítulo um). Tanto a habilidade de pedir perdão como a dádiva de receber perdão vêm de Deus. A graça dele nos libera de nossa escravidão e nos permite estender essa mesma liberdade para outros. O conselheiro ou psicólogo que não entende intimamente a graça e o perdão de Deus nunca poderá ministrar restauração.

E. PERDOAR

Perdoar é a graça de cancelar as dívidas de outro, restaurando harmonia e comunhão. Essa graça vem de Deus e flui naturalmente da graça de haver sido perdoado. “Vocês receberam de graça; deem também de graça” (Mt 10.8). Nossa habilidade de perdoar é uma demonstração de nosso entendimento de haver sido perdoados.

Você se lembra da parábola do servo impiedoso? Pedro pergunta quantas vezes se deve perdoar. Até sete vezes? Ele achou que estava se estendendo à perfeição com o número sete. Jesus responde “até setenta vezes sete”, a perfeição multiplicada além de qualquer habilidade humana. Então, ele conta a parábola do servo de quem foi perdoada uma dívida além do produto nacional do país inteiro! Mas esse servo não queria perdoar outro servo que lhe devia relativamente pouca coisa. O servo impiedoso ainda estava preso à atitude de alguém endividado. Não conseguiu receber a graça do perdão em seu coração. Não houve mudança interior, restauração. Ficou na agonia, na insegurança, no medo violento de que era alguém não perdoado e condenado a pagar o impossível (Mt 16.21-35).

Existe uma ligação misteriosa e inquebrável entre perdoar e ser perdoado. Não perdoando, somos entregues à tortura interior, e nossa alma fica presa à angústia de sentir que tudo o que fizermos nunca será o suficiente!

“Graça! Que maravilhosa graça! É imensurável e sem fim.
É maravilhosa, é tão grandiosa, é suficiente para mim.
É maior que a minha iniquidade, é revelação do amor do Pai.
O nome de Jesus engrandecei e a Deus louvai!”

Graça que quebra os grilhões, me deixando livre. Não sou preso a demandar dívidas de outros nem preso a ter de pagar o mesmo. Sou liberado de ser um cobrador de dívidas. **Não vivo mais cobrando**, vivo dando a outros de um coração livre e cheio de amor e graça. Aleluia!

F. A CRUZ DE CRISTO

A cruz de Cristo é onde o mundo, a carne e o diabo foram vencidos (Cl 2.13-15) e continuam sendo vencidos. É a base de nossa salvação, como também de nossa santificação e nossa cura. Além da vida eterna, e a vitória na batalha espiritual, recebemos três dons inestimáveis por meio da cruz de Cristo: o perdão, a troca divina de nosso caráter para o caráter dele e uma nova identidade. Não deve nos surpreender que a cruz foi o centro da mensagem de Paulo (1Co 1.17; 2.2).

O primeiro benefício da cruz para a pessoa ferida é o perdão. O perdão tem sua raiz na cruz. Outras religiões não oferecem perdão. Por quê? Porque só Jesus pagou a penalidade de nossos pecados; só ele pode oferecer perdão. Para entender o perdão, temos de entender a cruz. Fora da cruz, Deus não pode nos perdoar. O sangue de Jesus, a cruz de Jesus Cristo, é a base do perdão. A cruz custou a Deus tudo o que ele é e tudo o que ele tem. O perdão não é barato.

Meditando na cruz, podemos entender melhor a profundidade do perdão. Jesus intercedeu na cruz “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” (Lc 23.34). Jesus perdoou, sabendo que pouco depois o seu Pai não poderia perdoar ele mesmo quando levaria sobre si nosso pecado. Nesse momento, toda a dor do universo o encheu e ele bradou em alta voz: “Eloi, Eloi, lamá sabactâni?”, que significa “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27.46). Os abusos do mundo inteiro encontraram seu clímax nesse momento: abuso físico, abuso emocional, abuso espiritual e abandono da parte de seu Pai. Toda pessoa ferida, não importa quão profundo tenha sido seu trauma, pode ter uma nova esperança, sabendo que Jesus sofreu tanto quanto ela, além de sofrer por ela e com ela, e supe-

rou esse sofrimento para tornar-se nossa fonte de cura e restauração (1Pe 2.21-25).

O segundo benefício da cruz para a pessoa ferida é resumido nas palavras de Paulo: *“Deus tornou pecador por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus”* (2Co 5.21). Dá para imaginar isso? Medite sobre isso. Peça a Deus que lhe revele o custo da cruz... o poder da cruz... a **troca divina** que aconteceu na cruz e que continua acontecendo hoje, quando nos apropriamos dela.

Abaixo, segue um exercício que pode ajudá-lo a experimentar essa troca divina.

- Comece identificando o pior de você que vem à sua mente. Pode ser algo que você fez, algo que falou, uma atitude sua ou um mau hábito que você não consegue quebrar.
- Imagine-se levando isso ao pé da cruz. Deposite-o ali.
- Agora, levante suas mãos vazias para receber de Jesus o oposto. Visualize Jesus. Olhe para seus olhos.
- Tome o que ele lhe oferece: agradeça-lhe.

Isso é a incrível troca divina da cruz: o pior de nós para o melhor de Deus. Isso não só acontece no momento da salvação. Deve acontecer cada vez que temos um problema, um pecado ou uma ferida que queremos trocar por uma oportunidade, pela justiça de Deus ou pela plena saúde espiritual.

O terceiro benefício da cruz para a pessoa ferida é **oferecer-lhe uma base para uma nova identidade**. Muitos de nós definimos nossa identidade por meio de nosso trabalho. Não sabemos dizer “não” porque tentamos nos encontrar ao satisfazer a outros no trabalho, na igreja, na escola ou no lar. Precisamos da aceitação de outros ou talvez precisemos nos exibir por meio de nossa produtividade ou eficiência.

Mas nossa identidade é em Cristo. Cristo em nós, nossa esperança da glória! (Cl 1.27). *“Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas”*(2Co 5.17). *“De modo que, de agora em diante, a ninguém mais consideremos do ponto de vista humano”*(2Co 5.16).

A base de nossa nova identidade é a cruz (Gl 2.20). Se alguém quiser ser discípulo de Jesus Cristo, “*negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida (ou identidade), a perderá; mas quem perder a vida (ou identidade) por minha causa, este a salvará*” (Lc 9.23-24).

Não precisamos andar mais com a identidade de alguém ferido, traumatizado, doente ou disfuncional. Deus já mudou a base de nossa identidade e quer mudar a forma com que nos enxergamos, para que corresponda com sua obra na cruz, a obra de fazer-nos como seu filho Jesus Cristo. Trabalhamos mais o tema de nossa nova identidade em Cristo no capítulo sete.

Resumindo, a cruz é a base de nossa salvação, de nossa santificação e de nossa restauração. Como diz o hino:

Foi na cruz, foi na cruz, onde um dia eu vi
Meu pecado castigado em Jesus.
Foi ali, pela fé, que meus olhos abri,
E eu agora me alegro em sua luz.

Instrutor: repasse a tarefa para a próxima semana e então divida os participantes em grupos, como na semana passada.



TAREFA PARA O PRÓXIMO ENCONTRO

1. Havendo terminado o curso introdutório, a única tarefa é a intercessão. Você pode orar para que:
 - a) Deus o ajude a entender se ele quer que você participe da segunda fase (fazendo os Doze Passos num grupo de apoio).
 - b) Outros consigam ouvir claramente de Deus quanto a participar da segunda fase. Você pode anotar aqui nomes de pessoas específicas que Deus coloca em seu coração:
 - c) Deus dê sabedoria e direção ao pastor e à equipe de restauração quanto a como estruturar a segunda fase. Por favor, interceda regularmente pela equipe, para que Deus dê sabedoria, graça e unção a seu ministério.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DISCUSSÃO

1. Escreva a Deus o que você está sentindo ou use sua imaginação santificada para escrever o que você sente que Deus pode estar falando a você agora.

2. Como na semana passada, compartilhe com seu grupo uma das coisas que mais mexeu com você. Se você escreveu sobre isso, fique à vontade para ler sua oração a seus companheiros.

3. *Opcional*: Se alguém no grupo tiver uma necessidade séria ou um grande problema que não sabe como enfrentar, use o resto do tempo para ministrar a ele (a).

Se não houver alguém precisando de oração especial, cada pessoa pode identificar uma das seis dinâmicas deste capítulo na qual mais gostaria de crescer. Anote-a abaixo e depois compartilhe com os outros. Isso pode ser uma base para o período de oração, ao final.

4. Terminem a sessão orando juntos (20-25 minutos).

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Dois livros tremendos sobre a cruz são:

STOTT, John, R. W. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Vida. 365 páginas. Stott, provavelmente o teólogo mais apreciado no final do século vinte no mundo inteiro entre os evangélicos, considera esse livro seu maior trabalho.

WHITE, John. *Mais que uma obsessão*. São Paulo: ABU, 1976/1995. 173 páginas. Sua tese é que o caminho da cruz é uma sublime obsessão por uma pérola celestial. White esclarece a alegria do compromisso com Cristo. Cada um dos dez capítulos tem de sete a doze perguntas para reflexão individual ou em grupo.

Um livro fundamental sobre perdão é:

AUGSBURGER, David. *Importa-se bastante para perdoar e importa-se o bastante para não perdoar*. Arapongas: Cristã Unida, 1996. (esgotado)

STOOP, David. *Perdoando nossos pais, perdoando a nós mesmos*. Curitiba: Esperança, 2014.